

# DA CULTURA DA *PERFORMATIVIDADE* À CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE GÊNERO *PERFORMÁTICAS*: UM FLERTE ENTRE AS TEORIAS DE BUTLER E BALL<sup>1</sup>

Tatine Penariol de **Rosato** – UFMT

Ozerina Victor de **Oliveira** – UFMT

Agência Financiadora: CAPES e FAPEMAT

O contexto das políticas curriculares contemporâneas tem presentificado a diferença e dado vazão a fundamentais indagações pedagógicas. Dentre estas, há demanda por compreender a construção das identidades de gênero para além da heterossexualidade.

Objetiva-se acolher esta complexa demanda sem, no entanto, esvaziar a inquietação da novidade por elas instigadas. Tendo isto em vista, percorre-se um trajeto discursivo que pretende articular a teoria de políticas de currículo proposta por Stephen Ball (2001, 2002, 2004) à teoria *queer* de construção identitária sugerida por Judith Butler (2002, 2008).

As noções de *performatividade* presentes nas teorias de ambos os autores são diferentes e suplementares, atuando como ponto de encontro ou flerte essencial para se compreender como têm se construído as identidades de gênero contemporâneas ao contexto da política curricular *performática*.

Perceber a associação teórica entre Butler e Ball como um flerte significa aludir à tensão entre feminino e masculino, à heteronormatividade e à lógica dualista. Esta alusão, em consonância com o contexto político-teórico desta pesquisa, soa como uma paródia à *heterossexualidade compulsória* (BUTLER, 2008).

Ball (2001, 2002, 2004) utiliza-se da noção de *performatividade* ao discorrer sobre as implicações do neoliberalismo na reforma educacional. Butler (2008) utiliza a mesma palavra para se referir à contingência da identidade de gênero. Ao se associar estes estudos, pretende-se vislumbrar implicações de um currículo perpassado pela *performatividade* na construção das identidades de gênero *performáticas*.

Ball (2001, 2002) desenvolve um panorama global às políticas de currículo, denunciando que potências econômicas globais têm imposto um novo gerencialismo ao modo de funcionamento cotidiano das escolas. Viabilizado por meio de políticas que

---

<sup>1</sup> Este texto apresenta resultados parciais de uma pesquisa de Mestrado realizada em escolas estaduais de Ensino Fundamental, que aborda a construção de identidades de gênero no contexto da prática curricular.

sustentam ações competitivas e individualistas, subjetivando, assim, a cultura da *performatividade*:

no novo mundo das organizações performativas [...] a base de dados, a reunião de avaliação, a revisão anual, a redação de relatórios e a candidatura a promoções, inspecções e comparação com pares estão em primeiro lugar. (BALL, 2002, p.9)

Desta forma, valores gerenciais se impõem sedutora e sorrateiramente ao currículo, passando a conduzir e delimitar fronteiras não apenas administrativas, mas especificamente, pedagógicas, comportamentais e, conseqüentemente, corporais. Esta *performatividade* contradiz princípios caros à defesa de currículos democráticos e justos na história da educação brasileira.

O controle das políticas curriculares atualmente encontra-se junto aos grandes investidores internacionais, sendo estes o Banco Mundial, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e, portanto, a reforma educacional submete-se às regras de avaliação de desempenho determinadas por estas instâncias (BALL, 2001 e 2004).

Novos papéis e subjectividades são criados conforme os professores são “re-trabalhados” como produtores/proporcionadores, empreendedores educacionais e gestores e são sujeitos a avaliações/apreciações regulares, a revisões e comparações do seu desempenho. Novas formas de disciplina são colocadas pela competição, eficiência e produtividade. (BALL, 2002, p.7)

Os ecos da capacidade de competição, eficiência e produtividade ressoam arditosamente sobre o currículo que alunos e alunas vivenciam cotidianamente. O governo brasileiro, em parceria com entidades privadas, tem lançado prêmios, programas e projetos para monitorar a conformidade do projeto social empreendido nas escolas, como o Prêmio Vitor Civita (REGULAMENTO, 2010), o Prêmio Professores do Brasil (APRESENTAÇÃOa, 2010) e a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (APRESENTAÇÃOb, 2010).

Estas premiações, via de regra, são personalizadas e individualizadas, nunca destinadas ao grupo, pois o *glamour* e a emoção gerados por, supostamente, *valorizar* um educador camufla seu objetivo maior: a cultura do individualismo e da competição,

primordiais ao projeto capitalista.

Além das premiações, existem mecanismos nacionais de avaliação da educação como o Plano Nacional de Desenvolvimento da Educação (PDE, 2010) que gera o *ranking* do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB, 2010).

Enquanto *uma tecnologia, uma cultura e um modelo de regulação que se serve de críticas, comparações e exposições como meios de controlo, atrito e mudança* (BALL, 2002, p.4), a *performatividade* atinge a cultura escolar por meio de medidas reguladoras, comparativas e *abissais* (SANTOS, 2007) de forma a distinguir, eleger e marginalizar seres humanos. O princípio de igualdade e o respeito aos direitos humanos (KOTLINSKI, 2007) tornam-se obsoletos e impróprios, na medida em que a *performatividade* seduz a comunidade escolar com promessas de promoção pessoal.

Este currículo, portanto, ampara uma reforma educacional que *não muda apenas o que nós fazemos. Muda também quem nós somos – a nossa “identidade social”* (BERNSTEIN, 1996 *apud* BALL, p. 5, 2002).

Nesta arena curricular performática as diferenças encenam suas identidades. Desta forma, indaga-se: quais as implicações desta arena na construção das *identidades de gênero* (BUTLER, 2002, 2008) ou ainda, como a noção de *performatividade* de gênero pode contribuir para a construção de uma arena curricular desmistificadora da *heterossexualidade compulsória*?

Nesta perspectiva, Butler (2008, p.199) propõe sua noção de *performatividade* revelando que *ao considerar o gênero como um estilo corporal, um “ato”, por assim dizer, que tanto é intencional como performativo, onde “performativo” sugere uma construção dramática e contingente de sentido.*

A delimitação de fronteiras entre os gêneros apresenta-se como uma noção paradigmática *fundadora e consolidadora do sujeito* (BUTLER, 2008, p.200) na medida em que a subjetividade humana está imbuída na lógica *abissal*. O sujeito moderno apropria-se de uma realidade sexual binária, pois esta lógica tem condições de organizá-lo e estabilizá-lo. Para manter esta quietude reconfortante *a performance é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária.*

Diante desta imposição psicossocial em manter a lógica abissal, reflete-se que as alegorias de gênero *não são expressivas, são performativas* (BUTLER, 2008, p.201). Desta forma, a noção de identidade de gênero passa a ser elucidada como uma *performance* construída e mantida socialmente, abandonando-se a noção desta como

uma expressão ou consequência do sexo biológico. Diante da *performatividade*, portanto,

não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. (BUTLER, 2008, p.201)

Ao vislumbrar as identidades de gênero como *corporificação do tempo com marca de gênero* (BUTLER, 2008, p. 200), admite-se que a representação social de gênero é constantemente (re)definida nas sociedades e, concomitantemente, transcritas no corpo e em toda sua subjetividade.

Significativamente, se o gênero é constituído mediante atos internamente descontínuos, então a aparência de substância é precisamente isso, uma identidade construída, uma realização performativa em que a platéia social mundana, incluindo os próprios atores, passa a acreditar, exercendo-a sob a forma de crença. (BUTLER, 2008, p. 200)

Atos caracterizados como *internamente descontínuos* carecem de expressividade ao encenar apenas uma repetição estilizada e, desta forma, não têm condições de emanar de uma lógica interna do sujeito: não há substância, há apenas crença corporificada.

Na medida em que *performances* são condenadas por confundir ou contrariar o olhar perpetrado pela lógica *abissal*, exerce-se domínio sobre os corpos. Esta condenação instantânea refere-se ao suposto erro entre a *performance* e a adequação ao sexo e causam estranhezas que motivam a violência. Desta forma, a autora propõe que

o gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada dos atos (BUTLER, 2008, p. 200)

A identidade de gênero enquanto *performance* elucida a possibilidade da gradual liquefação da fronteira dualista entre feminino e masculino e esta desmistificação significa transpor as hierarquias e violências decorrentes de sua prática.

Vislumbra-se, portanto, que uma política curricular que define absolutas regras *performáticas* marca as identidades de forma drástica e irrevogável. Estas marcas

curriculares atingem claramente a relação da sociedade com o capital, no entanto, sua área principal consiste na entoação de novos significados às relações interpessoais, na medida em que reforça cotidiana e insistentemente escolhas individualistas.

A construção de identidades de gênero, imbuídas no currículo da *performatividade* neoliberal, fica delimitada a perpetuação da violência homofóbica e da *heterossexualidade compulsória* relegando tanto a diferença – o Outro – quanto os próprios ideais de currículos democráticos à periferia das preocupações educacionais.

Como forma de se posicionar frente à performatividade individualista e de promover, enfim, a desconstrução das *abissais* e violentas crenças relativas à identidade de gênero, recorre-se a dimensão da criatividade que se manifesta por meio de *expressivos atos* de ironia e sarcasmo.

## REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃOa. Disponível em: <http://premioprofessoresdobrasil.mec.gov.br/>. Acesso em 10.03.2010.

APRESENTAÇÃOb. Disponível em: <http://www.obmep.org.br/apresentacao.html>. Acesso em 24.03.2010.

BALL, Stephen. Performatividade, privatização e pós-estado de bem-estar. *Educação e Sociedade*, V.25, N.89, Campinas, Set/Dez 2004.

\_\_\_\_\_. Reformar escolas/reformar professores e os terrores da performatividade. *Revista Portuguesa de Educação*, 15(2), pp.03-23, 2002.

\_\_\_\_\_. Diretrizes políticas globais e relações políticas locais em educação. *Currículo sem Fronteiras*, V.1, N.2, pp.99-116, Jul/Dez, 2001.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos Del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

IDEB. Disponível em:  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=180&Itemid=336](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=180&Itemid=336). Acesso em 10.03.2010.

KOTLINSKI, Kelly (Org.). *Legislação e jurisprudência LGBT*. Brasília: Letras Livres, 2007.

PDE. Disponível em: <http://pde.mec.gov.br/index.php>. Acesso em 10.03.2010.

SANTOS, Boaventura. Para além do pensamento abissal: das linhas globais à uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Nº 78, Out/2007.

REGULAMENTO. Disponível em:  
<http://revistaescola.abril.com.br/premiovc/regulamento.shtml>. Prêmio Vitor Civita Educador Nota 10. Acesso em 10.03.2010.